



Número 13 - novembro de 2012
ISSN 2178-499X

Editorial — Com que instrumental a política do CIEN trabalha para furar as etiquetas? por <i>Maria Rita Guimarães</i>	2
Apresentação — III Manhã de Trabalhos do CIEN-Brasil por <i>Comissão de Coordenação e Orientação do CIEN-Brasil</i> e Homagem a Célio Garcia pelo <i>CIEN-Brasil</i>	4
Hífen — Canibalismo e dom da palavra, por <i>Éric Laurent</i>	9
Entre-Vista — Com <i>Sérgio de Campos</i>	15
LABOR(a)tórios — A invisibilidade da criança na sociedade hiper-moderna, <i>Ana Martha Maia</i> ; Para além da infração – a experiência no Selex, <i>Débora Matoso</i> e <i>Marcos Vinícius Bortolus</i>	17
Órbita — Conversação CIEN NRCereda, <i>Maria Luiza Ricupero</i> e <i>Valéria Ferranti Baptista</i> ; Infância sob controle, <i>Helóisa Prado Rodrigues da Silva Telles</i> ; Comentário a partir do texto Canibalismo e o dom da palavra de <i>Éric Laurent</i> , <i>May Guimarães</i>	25
Ponto de Vista — Vida dominada pela palavra, <i>Philippe Cousty</i>	35

Para ler o CIEN-Digital, ajuste o documento à tela e pressione as teclas **Page Up** e **Page Down** de seu teclado para mudar de página.

Maria Rita Guimarães

Caro amigo e leitor do CIEN-Digital,

Às vésperas da III Manhã de Trabalhos do CIEN-Brasil e inspirados pela radiosa atmosfera que a referência à Salvador – cidade que sediará o evento no marco das atividades do XIX Encontro Brasileiro da Escola Brasileira de Psicanálise, – nos evoca, deixamos-lhe o número 13 do CIEN-Digital.

Esse número traz a expressão do afeto e gratidão do CIEN a Célio Garcia, através das palavras de Ram Mandil, no lindo texto que ora publicamos e no vídeo, realização de Dario de Moura e Débora Matoso. Esses dois momentos de beleza emocionaram a todos presentes à homenagem lhe foi prestada pela Escola Brasileira de Psicanálise, por ocasião da XVII Jornada da EBP-MG, através da diretoria da Seção Minas e da Coordenação das Jornadas.

Entre tempos de Jornada e XIX Encontro Brasileiro, por que nos pareceu essencial lançarmos essa publicação? A resposta vem em forma de uma imagem, certamente muito conhecida: uma pena-de-ave? uma escrita?, branca e leve, pousa aos pés do banco em que Forrest Gump está assentado. Uma contingência, que, como nos lembra Philippe Cousty, “o que vem do Outro é contingente” e,

na cena citada, produz o “contador de histórias”. Assim também “a entrada das conversações do CIEN que tornam de novo possível a articulação linguageira”, para seguir com as palavras do colega francês com as quais comenta o livro recém lançado de Philippe Lacadée que se intitula: *Vida dominada pela palavra: fragmentos de vida e atos de palavra.*



Miguel Gontijo

Atos de palavra é justamente a resposta que o texto de Éric Laurent -Canibalismo e dom da palavra- nos permite retirar como especificidade do trabalho do CIEN. "Assim, o único recurso que nós temos é o de operar com o que Lacan chama "o dom da palavra". O dom da palavra é o dom do furo do sentido na palavra."



Tony Cragg

É com esse instrumental que a política do CIEN trabalha para furar as etiquetas que submetem as crianças e adolescentes, - não exclusivamente, certo! -, ao ponto de deixá-las "doentes", termo de Laurent no citado texto.

Ian Hacking interessa-se muito pela "invenção de gente" (façonner les gens), demonstrando, sobretudo, os efeitos da relação de flexibilidade sobre os sujeitos, das classificações que recebem.

O efeito bumerangue, de retroação, (effet de boucle) permite aos "etiquetados", numa relação circular, agirem de acordo com as classificações que recebem. No caso do autismo infantil, por exemplo, tal efeito não se dá, não se desenvolve tal interação recíproca entre a classificação e aquele que é classificado, pois, aparentemente, eles não conhecem e/ou compreendem tal classificação, mas, no mundo da pedagogia e/ou psicologia- para ficarmos por aqui- as crianças autistas podem estar sob "effet de boucle" no nível institucional.

Em Entre-Vista, é Sérgio de Campos, colega AE da Escola Brasileira de Psicanálise quem nos responde sobre nomeação e etiqueta e seus efeitos sobre o sujeito.

Diante de questões muito difíceis, o entusiasmo dos que participam das atividades do CIEN revelam sua determinação no enfrentamento das mesmas. Os textos de Débora Matoso e Marcos Vinícius Bortolus e de Ana Martha Maia comprovam-no. Em Órbita, convincentes relatos nos adentram nas reflexões em curso no momento do CIEN-Brasil. Não deixem de conferir o que nos testemunham desse trabalho, inclusive em diálogo com demais espaços de pesquisas da EBP, como Nova Rede Cereda, com a EBP-SP, tal como nos contam Maria Luiza Ricupero, Valéria Ferranti Baptista e Heloisa Telles. Também a importância do diálogo com os demais campos de saber constatado no trabalho de May Guimarães, inspirado no presente artigo de Laurent.

Boa leitura!

CONVITE

III MANHÃ DE TRABALHOS DO CIEN-BRASIL FURANDO ETIQUETAS - O TRAÇO DA POLÍTICA DO CIEN CONFERÊNCIA DE ÉRIC LAURENT - A CRISE DO CONTROLE DA INFÂNCIA

A III Manhã de trabalhos do CIEN-Brasil, em Salvador, ocorrerá no dia 25 de novembro, das 8h00 às 12h00 no Hotel Pestana, em Salvador. Além da grande conversa, animada por Éric Laurent, sobre os trabalhos enviados, teremos a satisfação de contar com a conferência de Éric Laurent sobre "A crise do controle da infância" e com o testemunho de Ana Lydia Santiago, AE, sobre "O CIEN no passe de cada um".

A grande Conversação do CIEN sobre o tema "furando etiquetas - o traço da política do CIEN" dar-se-á através do relatório de leitura de alguns colegas sobre 16 vinhetas práticas, selecionadas para esta manhã, cujas experiências interdisciplinares trazem a urgência instalada e, muitas vezes, silenciada, naqueles que trabalham com crianças e adolescentes, no campo da assistência, educação, saúde e justiça no Brasil.

Com simplicidade, tais vinhetas esclarecem os SIs no comando de instituições e práticas submetidas à lógica da pregação de etiquetas e à obediência cega aos protocolos, segundo exigência das normas para o controle da infância. Por essas vinhetas, nossos colegas também testemunham como foi possível, no campo inter-disciplinar de sua experiência, abrir espaço e fazer falar o Outro de nossos dias, demonstrando o

que pode a oferta do CIEN frente a desordem e os impasses abertos por essa ordem de ferro.



Movana Chen

Apresentação



Nino Cais

Esclarecida quanto ao momento atual e a responsabilidade política da psicanálise para com seu tempo, a Comissão de Coordenação e Orientação do CIEN-Brasil convidou psicanalistas da EBP/AMP e profissionais de outras práticas e áreas do saber para fazer a leitura dessas vinhetas, dando início à conversa com seus autores, que será animada por Éric Laurent.

Você também é nosso convidado a tomar a palavra nessa conversa, fazer falar e dividir o Outro dos dias que correm, espalhando o poder das lacunas por todos os lados, para que o saber da criança possa advir.

Fernanda Otoni de Barros-Brisset - Coordenação Geral do CIEN-Brasil
Faça a sua inscrição, o quanto antes.

Inscrições através de depósito bancário:

Bradesco - agência 3072-4, conta: 75599-0

Enviar comprovante depósito ao email:

ebpbahia@terra.com.br

Local evento: HOTEL PESTANA – SALVADOR

HOMENAGEM A CÉLIO GARCIA - clique no título para ver o vídeo

Ram Mandil

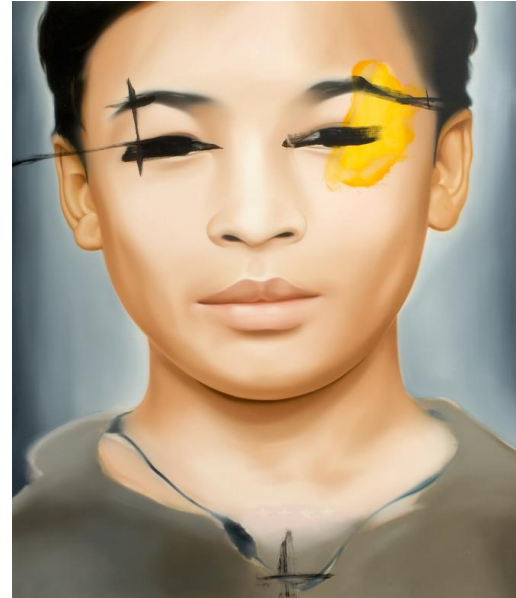
O que posso dizer de imediato é que Célio Garcia me faz pensar.

Desde os primeiros momentos de meu contato com a psicanálise, passando por uma experiência próxima ao longo de vários anos, até este momento atual, Célio me faz pensar, entre outras coisas, sobre as palavras mais adequadas e justas para cada momento. Que inclui esse, de uma homenagem.

Não pensei aqui em recuperar a trajetória de Célio, em especial no que se refere a sua relação com a psicanálise. Essa relação, a bem dizer, é mais interessante quando enunciada pelo próprio sujeito. De todo modo sei que muitos aqui presentes têm em mente os seus momentos de encontro com o pensamento e a prática de Célio Garcia no percurso de sua formação analítica. Num momento de homenagem, prefiro deixar que a singularidade desses encontros prevaleça em relação a uma narrativa única.

Conhecemos o modo como Célio favorece a instalação de um pensamento e de uma prática lacanianas em nosso meio. E creio que ele faz isso da melhor maneira possível, ao não abdicar de considerar que essa prática deve ser objeto de uma reflexão constante, a partir do que se apresenta a partir das experiências subjetivas e também das constantes mutações da cultura. Penso que muitos irão concordar que essa é uma marca fundamental da transmissão da psicanálise por parte de Célio: a de não se contentar com uma psicanálise fechada sobre si mesma, alertando para os riscos, já assinalados por Freud, dela se converter numa

visão de mundo, de caráter universalizante. Se a psicanálise permite uma leitura crítica dos impasses da civilização, que ela consinta também em ser interrogada por outros campos, em especial, no caso de Célio, penso eu, pela Política e pela Filosofia.



Riyas Komu

De certo modo posso dizer que uma Jornada como essa, em torno do tema da Política da Psicanálise, só foi possível de ser realizada, na dimensão que presenciamos aqui, a partir dos efeitos dessa transmissão de

Célio, a partir desse convite contínuo que ele faz para que a dimensão ética da experiência analítica inclua uma reflexão crítica sobre o mundo que nos rodeia.

Uma palavra para o estilo de Célio. Leitores de Lacan, sabemos que o estilo deriva da forma como cada um procura cernir a sua relação com o real. A mim sempre me impressiona em Célio a tenacidade, a precisão, a concisão, a preocupação em estar bem informado, um gosto pelo atual e diria mesmo um gosto em nos atualizar, e o constante posicionamento ao lado do novo, do inesperado, do jamais visto ou pensado.



John Tun Sein

E uma palavra também para a biblioteca de Célio. Não sei se a necessidade de incluir a biblioteca de Célio nessa homenagem deriva dos mo-

mentos em que me achei diante dela, como uma espécie de ante-sala para o que eu estaria por dizer de minha relação com o inconsciente. Mas ao incluir a biblioteca nessa homenagem pensei não necessariamente sobre o seu conteúdo, mas sobre a generosidade com a qual ele sempre responde à demanda de um livro ou de uma referência. Creio que muitos aqui podem dizer dessa presença generosa da biblioteca de Célio na sua formação analítica, nos lembrando a todo momento que a relação com o saber só tem valor se ele puder circular, se ele puder ser colocado à prova, e se puder despertar nos interessados novas formas de pensar.

Ainda nas minhas digressões sobre a melhor maneira de se prestar uma homenagem ao Célio, cheguei à conclusão que talvez não haja modo mais adequado do que apresentar a ele uma questão com a qual procurar ler as suas mais recentes produções. Poderíamos dizer que, após o surgimento da psicanálise e início de sua difusão, Freud anteviu a chegada de tempos sombrios, e procurou defendê-la criando uma estrutura rígida e disciplinada, uma espécie de bunker institucional, capaz de assegurar a sobrevivência da causa analítica. Podemos dizer que Lacan recolheu o que havia ali de mais precioso e que, tendo vivido outro tempo, talvez mais dócil, mais acolhedor, mas não necessariamente mais fácil, pode dar os desdobramentos que conhecemos. A impressão que tenho é que estamos entrando hoje num outro tempo da relação da cultura com a psicanálise, muitas vezes com tonalidades sombrias, e em algumas situações até mesmo hostis. Considerando os referenciais que nos chegam do pensamento político e filosófico atuais – que Célio acompanha tão de perto – o que desses pensamentos podem orientar a psicanálise para que ela não se veja necessariamente obrigada a criar estratégias defensivas que assegurem a sua presença nos debates da civilização? O que nos debates políticos e filosóficos do mundo contemporâneo pode informar à psicanálise de modo que ela possa seguir respondendo aos impasses da

cultura de tal forma que isso encontre ressonância na relação que cada um tem com o real?

Para finalizar, gostaria de fazer uma comunicação nessa homenagem ao Cêlio.

Por iniciativa do Conselho da Seção Minas da Escola Brasileira de Psicanálise, e na condição de seu presidente atual, recebi nesta última quinta-feira a seguinte mensagem:

"Caro Ram,

Você pode, em nome do Conselho e da Presidência da Associação Mundial de Psicanálise e do Conselho da EBP, outorgar o título de Membro de Honra da EBP a nosso estimado Cêlio Garcia. Desbravador, provador e provocador incansável, analista de tantos e de tantos, interlocutor nas Minas de todos nós da EBP."

Marcus André Vieira, presidente da EBP.

Me dou conta aqui, agora, que a melhor maneira mesmo de homenagear o Cêlio, é a de poder passar a palavra a ele. É com você, Cêlio.



Claude Viallat

CANIBALISMO E DOM DA PALAVRA

Éric Laurent

Nossas conversas sobre o avesso das normas partem de uma descoberta da Psicanálise que se chama: o paradoxo do supereu, isolado por Freud nos anos 20. O ponto crucial delas é que é a mesma instância que dita a lei e sua transgressão. Isso já foi concebido dentro de outros discursos que não o da psicanálise. Foi São Paulo quem, dentro da luta contra a lei rabínica, primeiro inventa o fato de que a lei “me tornava igualmente pecador”. Ele tentou convencer a todos de que somente a lei do amor era uma solução, inspirado pelo seu antecessor. Porém, Freud mostra-o muito bem: o que a lei do amor produziu foi segregação, ódio, querras religiosas. Ele retoma, portanto, as coisas lá onde São Paulo as havia deixado, sem propor a saída pelo amor. A lei, qualquer que ela seja, é também fonte de um empuxo ao gozo, à transgressão dessa lei para mais além do princípio do prazer.

Esse paradoxo do supereu faz com que, qualquer que seja a deficiência das normas, qualquer que seja o estado do seu disfuncionamento, quaisquer que sejam os esforços para restabelecer as normas que funcionam, produzem-se outros disfuncionamentos. De tal sorte que o tratamento do mal estar dentro da civilização por meio de novas normas comporta um limite. O apelo às normas explícitas, nós podemos escrevê-lo como apelo ao que seria um saber, S2, sobre o funcionamento i-

deal do lugar de onde se enunciam as normas. É isso que nós chamamos de significante mestre, S1. As ciências humanas assumiram, a partir de um momento, o lugar da moral em seu esforço de encontrar um fundamento para o S1. Elas almejavam um saber explícito sobre o S1. Em nossa cultura, assistimos aos apelos a um saber que pudesse enunciar o que seria um funcionamento adequado dos significantes mestres. Porém, esse saber encontra-se em questão. Nós assistimos ao retorno da moral normativa sob a forma de comitês de ética. Estamos doentes tanto dos significantes mestres quanto de um saber que pudesse esclarecer seu funcionamento. Mas, mais profundamente mesmo, nós estamos doentes do além do princípio do prazer.



ManFungYi



Debesh Goswami

Nossa cultura é aquela que tende ao bem-estar do sujeito. A Constituição americana afirma o "direito à felicidade". Esse é também o princípio resgatado ao longo da Revolução Francesa como um princípio fundamental. São Justo o anuncia assim: "a revolução só terminará quando alcançada a felicidade dos cidadãos". Isso implicava imediatamente o terror. Nós estamos doentes disso, desse "direito" que faz com que, quando nós tentamos obter o bem-estar, uma homeostase, um prazer satisfatório, nós reencontramos, de fato, a violência, o gozo, o suicídio, que são os fenômenos que foram tratados ao longo dessa jornada.

Esses fenômenos denunciam o fato de que nós estamos doentes do objeto a , do nosso objeto de gozo. Jacques-Alain Miller resume isso com um matema, dizendo que nossa época, se nós seguimos Lacan, é a época na qual o ideal, que antes podia tratar esse objeto de gozo, agora não funciona mais; é o mais-de-gozar, que é a chave, o problema central de nossa cultura: $a > I$.

O tratamento impossível do objeto de gozo diz respeito especialmente à criança. A cada vez que nós falamos da criança, nós tocamos nos paradoxos da culpabilidade materna. Quer seja a respeito da escola, ou no que concerne aos cuidados com a criança; quer seja pelas proibições ou pela educação a se transmitir, nós vemos como aí a falta das mães é coisa decisiva.

Provavelmente, nossa civilização não sabe mais falar às mães. É um dos sintomas do mal-estar da cultura, talvez o mais marcante. Não será punindo-as ou denunciando-as pela sua impotência ou por todo o mal que elas cometem que se mudará alguma coisa. Não é também se contentando com a ajuda e com o apoio ou deixando-as sozinhas com as crianças. É necessário encontrar outros caminhos. A única coisa que fazemos ao denunciar os estragos do vínculo mãe-filho ou filha é colocar as crianças numa posição de objeto a . O consumidor universal consome

a própria criança. Esta situação foi mencionada a propósito da prostituição infantil. É um ponto crucial, porque ele revela todo o sistema. O que todo mundo sabe e que cada um percebe é que a criança, objeto eminente dessa cultura, de consumidor todo poderoso pode se tornar consumida. Chamamos isso de paradoxo do nosso canibalismo em relação às crianças.

Uma vez identificados os paradoxos do tratamento do gozo pelo significante mestre ou pelas normas, que fazer? A única proposição que faz a psicanálise é de tratar a situação pelo sujeito dividido (S/).

Em todos os métodos que ele introduz o CIEN só faz isso: ele ressalta os poderes desse vazio curioso, inquietante, que se encontra no coração dos poderes da palavra.

Não se trata de propor um novo significante mestre, nem um saber como panaceia. Nós não temos mais sabedoria particular para avançar, mas o que nós sabemos é que nós introduzimos um desvio. Nós procuramos instalar um espaço no qual a cadeia significante possa se romper em sua falsa consistência de sustentáculo e rotina. Então, o sujeito poderá encontrar outro lugar. Se for o caso, sem que ninguém saiba como, as coisas se organizam. Nós chegamos a fazer alguma coisa da mesma ordem que o capitalismo afirma poder fazer com a sua ficção da "mão invisível do mercado". Nós produzimos a presença invisível do sujeito. Então, tudo pode melhorar, funcionar melhor, sem que ninguém saiba de onde vem esse milagre que se opera com o desejo de cada um, unicamente com o desejo ex-sistente à dificuldade encontrada. Nós pretendemos que, uma vez desencadeados os poderes da palavra, uma mão invisível, sem que haja aí um mestre que compreenda bem de onde isso surgiu, faça com que, finalmente, as coisas melhorem. Isso é incrível. Mas, como o sujeito se coloca dentro dos laboratórios do CIEN?

Nós não podemos operar a não ser a partir das demandas que nos chegam. Quais são elas? Elas vêm, primeiro, dos que sofrem do S1. São os pacientes das grandes instituições, dos grandes discursos que exis-

tem dentro da nossa cultura. Eles se endereçam ao nosso discurso, qualquer que seja o tamanho dos grupos de pessoas que o compõem. Podem ser sujeitos isolados. Podem ser pequenos grupos, que vêm se queixar de não encontrar seu lugar dentro do grande discurso. Podem ser grupos maiores. Nos exemplos dados nessa jornada, podem ser pequenos grupos de crianças que chegam ao centro *Kirikou* ou os doentes da escola que o Atelier de Rosário recebe. Podem ser grupos maiores como aqueles da Bulgária. Nós não temos mais que decidir, nesse caso, o tamanho do grupo: ele nos é dado pelo financiamento da ONG.



Tatiana Blass

Nós aceitamos também todas as demandas dos doentes do S2, daqueles para os quais a disciplina chega a tocar algo do real e que não

sabem mais o que fazer com isso. Eles têm, então, recurso à interdisciplinaridade. Quando não se sabe o que fazer com um S2 particular, procura-se outro S2. Encontra-se, assim, o limite da interdisciplinaridade: não se compreende o que diz o outro. Nós operamos, então, no mal-entendido.



FX Fagniez

Além disso, nós acolhemos também os doentes do objeto a , pois que todos nós o somos também. Em todos os casos, nos construímos um espaço, um Outro barrado no qual o mal estar pode se articular com o gozo. Nós podemos fazê-lo existir através da nossa concepção da interpretação. O que Lacan nos ensinou a ver em Freud é que a interpreta-

ção não era uma língua especializada. Ela não era um S2 particular, que poderia somente se revelar atrás de portas fechadas, em um ritual particular, a seção de duração fixa. Lacan nos ensinou a ver que o poder da interpretação é o poder da palavra e da própria linguagem, do Outro como tal, exercido de certa maneira. Trata-se, na interpretação, de provocar a aplicação da palavra sobre ela mesma, que produz o inconsciente. Pode-se, então, escutar um dito e, nesse sentido, Philippe Lacadée poderia dizer que, em um trabalho de grupo, a criança "se escuta nomear ela própria" o seu sintoma ou quando, dentro do Ateliê de Rosário, Nicolas pode passar da "diversão" aos sonhos. Sem analista, Nicolas começa a escutar seus sonhos e pode estar atento a eles.

Essa aplicação da palavra sobre ela mesma nos introduz no fato de que, para nós, não somente a interpretação não é uma língua especializada, mas que a via de acesso ao inconsciente é antes um fora de sentido do que um sentido especializado.

Não se trata de ver o sentido sexual em tudo, de se apresentarem como sectários do falo. Nós temos a ideia de que a via de acesso ao Sujeito barrado não é a de complementar os significantes mestres de uma cultura com significações pulsionais especializadas, antes de tudo, nós temos a ideia de que o que nós desencadeamos é a força poética que há no Outro e na linguagem. Essa é a razão pela qual nós pensamos que o jogo com as palavras conta. Quando o laboratório, trabalhando sobre a violência nas escolas, faz com que se aceite a passagem de "recreio" (*cour de récréation*) para "percurso de criação" (*cours de création*), ele faz mais do que um jogo de palavras. Ele autoriza a esperança no tratamento dessa violência pela letra.

É o dito espirituoso (*mot d'esprit*) que se encontra colocado a trabalho por Philippe Lacadée. Para se dirigir a um grupo grande, a uma classe de trinta alunos, ele faz referência à poética da adolescência, isto é, às canções, à música. Para as crianças mais novas, ele passa pelas in-

venções de palavras. Para os adultos, pode-se fazer referência à poesia, como Sonia Davanso, que, no Brasil, se faz a voz poética do bairro. Para além de todo sentido estabelecido, trata-se de abrir à caixa de Pandora da poesia, que dá acesso à nova significação possível. Todavia, não se trata de um "idealismo" poético. Nós sabemos que a hiância se origina dos recursos pulsionais do inconsciente. Na borda do furo na linguagem, o objeto pulsional pode vir se inscrever. Assim, o único recurso que nós temos é o de operar com o que Lacan chama "o dom da palavra". O dom da palavra é o dom do furo do sentido na palavra. Não se trata de acrescentar um sentido suplementar, mas de revelar que no interior da linguagem há um furo no qual todos os velhos significados que nos esmaçam podem desvanecer. Então, o gozo particular do qual se sofre pode encontrar um lugar. É um ato — a palavra foi utilizada por Stevens — e é verdade: é um ato. O ato autoriza a ir mais além dos saberes que produzem mal-estar, dos discursos que pretendem identificar. Ele aposta no fato de que há no interior da linguagem um caminho pelo qual alguém pode encontrar seu lugar.

Entretanto, não se trata do ato analítico, e não se deve confundi-lo, mas trata-se do ato analítico adaptado às demandas que nos chegam através dos laboratórios do CIEN. Isso faz parte da psicanálise aplicada.

Para abrir esse espaço, que não é o de uma análise, é preciso alguém que saiba as consequências que têm lugar quando se autoriza um sujeito a entrar nesse vazio. É preciso que seja alguém que tenha a ideia de que se trata de algo muito sério. Mas, não é necessário que seja um psicanalista. Foi isso que nós lemos na belíssima carta que a colega da Bulgária enviou a Daniel Roy, quando considera que ela se autoriza a ser a "porta voz dessas crianças". Ela tenta enviar a palavra ao ponto em que as crianças não falam, a esse limite no qual elas começam a falar ou no qual elas já estão mudas ou reduzidas ao silêncio, abatidas. Restituir-lhes o "dom da palavra" é supor que elas falam quando elas não o fazem, até o momento em que elas o farão.



Eduardo Berliner

Então, nosso esforço consiste em dar àqueles que não são necessariamente analistas a possibilidade — é possível que eles sejam analisantes, e é melhor que eles sejam analisantes, pois eles terão uma ideia melhor do que eles fazem — de abrir esses espaços cada vez que for possível. Esses lugares são possíveis sempre que houver normas, pois sempre que há normas, quaisquer que elas sejam, há algo que não entra na norma. Há algo que transborda essas normas, sem que isso vá necessariamente até a desorganização. Nós sabemos que o simples fato de que

haja norma implica a presença do supereu, a presença de algo que não poderá se reinscrever completamente dentro da norma.

Então, nós podemos nos autorizar a operar a partir desse lugar, como foi feito no laboratório "*Le Pari de la conversation*" (O desafio da conversação). Cada vez que há um problema de sanção (*sanction*) trata-se, antes, de um problema da escansão (*scantion*). Este é exatamente o paradoxo do supereu: cada vez que uma norma se esforça para operar sobre o gozo, há um ponto no qual se revela a presença do excesso pulsional. Justo antes da sanção há algo através do qual se pode verificar o nó do paradoxo pulsional em joço. O que nós podemos fazer é operar sobre esse ponto de escansão. Nós nos autorizamos a tratar os problemas provenientes das impossibilidades das normas a partir do sintoma como tal.

A condição é a de chamar de "sintoma" (*symptôme*) em enlace da pulsão com a linguagem. Esse tratamento não se apoia sobre uma lei ou uma regra que venha reduzir a disfunção reabsorvendo-a na categoria universal. As normas são o congelamento desse momento de emergência superegoico, no qual algo de pulsional vem se inscrever na lei. Nós não fazemos apelo ao universal, mas à responsabilidade particular do sujeito em relação ao seu gozo. Aqui, não se trata somente da responsabilidade jurídica. Trata-se de sustentar uma promessa. Pode-se formulá-la assim: algo no Outro pode vir a responder à desordem do sujeito. Não se ama as normas, a única coisa a fazer é adotar sua responsabilidade como se adota uma língua. A única promessa que se pode fazer é a de que há recursos suficientes na cultura para que se possa formalizar seu sintoma.

Tomemos o exemplo de Nicolas no Ateliê de Rosário: essa criança encontra um apoio nos seus sonhos, depois nas ilustrações relativas aos gaúchos em um livro de Borges. Ele nos dá a ideia de que um dia ele terá a possibilidade, com esses recursos, de dizer coisas que lhe dizem

respeito, que acontecem com ele e somente com ele. Nós não somos todos poetas, e não podemos aspirar a esse ideal coletivo, mas o que podemos sustentar é que há no Outro a possibilidade de formalizar o mais particular daquilo que nos concerne.

Pode-se reconhecer na falta do Outro qual é o percurso, o corte que se pode fazer para se separar dos aspectos mais nocivos do gozo. Em outra época, nos quadros da Renascença, em um momento em que as normas e a posição de Deus não estavam tão claras como no período anterior, começa a surgir um personagem que se dirige à assembléia, a encarava, e lhe dizia: "Olhe para o cenário do quadro, ele é formidável e útil, ele nos ensina coisas formidáveis sobre o seu lugar no mundo". Nós não estamos mais na Renascença, nós não estamos em uma época em que há uma pessoa que possa dizer: "Você vê? Aqui está o seu lugar no mundo". Nós somos todos atópicos, nós somos todos emigrantes ou emigrantes potenciais. Nós somos todos deslocados, portanto, qualquer ato desse tipo, "Olhe, você vê? Há uma possibilidade de encontrar seu lugar no ordenamento pacífico do mundo", não existe mais. Mas, nós podemos dizer: "Olhe, na falta do Outro você pode encontrar o caminho que lhe convém, e nesse país, o único que existe e que nos resta, no Outro como tal com sua falta, você vai encontrar seu lugar. Você vê? O mundo lhe olha e você tem a possibilidade de saber de onde você é visto".

Agradecemos a gentil autorização do autor para a publicação deste texto no presente número do CIEN-Digital.

*Tradução: May Guimarães
Revisão: Pulquério F. Bittencourt
Consultora: Sandra Espinha*

CIEN-Digital: Em sua opinião, qual a diferença que podemos estabelecer entre uma nomeação e uma etiqueta?

Sérgio de Campos: É curioso assinalar que a etiqueta tem a mesma raiz etimológica da palavra ética. Em francês temos *éthique* que nos remete de modo inequívoco à etiqueta. Grosso modo, a ética é um conjunto de princípios que ordena uma escolha moral. Portanto, se refere à teoria das condutas que constroem os valores de uma sociedade. Assim, como uma espécie de filha pobre, a etiqueta é o conjunto de cerimônias que se usava ou que se usa na corte ou nas casas de chefes de Estado. A etiqueta derivada das cerimônias dos nobres chegou à burguesia e em suas formas cerimoniosas no tratamento entre particulares. A etiqueta seguiu como sendo um conjunto de regras, normas e até mesmo o estilo de uma família ou comunidade. No capitalismo, a etiqueta emerge como espécie de logotipo, letreiro ou rótulo que se põe sobre alguma coisa para designar o que é ou o que contém. Assim, a etiqueta designa o que será consumido na sociedade capitalista. Creio que hoje, o ponto que faz toda diferença e que distingue a etiqueta do nome é aquela do consumo. Se por um lado, a etiqueta designa um objeto a ser consumido, um fazer-se devorar; por outro, o nome é filiado aos nomes do pai, se mantém na memória, pode ser evocado na sua ausência e não se deixa consumir.

CIEN-Digital: Você acha que uma etiqueta pode ter efeitos de nomeação para um sujeito?



Nydia Negromonte

Sérgio de Campos: Creio que a etiqueta não cola. Talvez, um apelido tenha mais efeito sobre o sujeito do que uma etiqueta. Acontece que a etiqueta é resultado de uma produção imaginária e isso pode provocar efeitos de grupo, sobretudo numa espécie de para-todos, na era dos direitos ao gozo. Todos, inclusive as minorias, terão assegurados os direitos de consumir um pedaço de gozo. Com efeito, as etiquetas são nomes de fantasia que asseguram o direito ao gozo. O imaginário das etiquetas pode até trazer efeitos de identificação, de reconhecimento, de estabilização, mas não considero que seja o mesmo de uma nomeação. Talvez, por isso que o destino de uma etiqueta seja a de ser furada ou retirada.



Tina Salvesen

CIEN-Digital: Temos visto, cada vez mais, a invenção de nomes que se tornam diagnósticos de distúrbios na infância. Para cada distúr-

bio, outro nome ancorado em uma medicação se propõe como tratamento. Que lógica está em jogo na invenção desses nomes?

Sérgio de Campos: Os medicamentos têm nomes científicos e nomes de fantasias. É isso mesmo, a medicina denomina os medicamentos comercializados nas farmácias de “nomes de fantasia”. Prestem atenção aos nomes dos medicamentos. Sejam dos mais simples e conhecidos aos mais complexos e desconhecidos, eles nos induzem à fantasia. Por exemplo, o ácido acetil salicílico é comercializado com vários nomes de fantasia, entre eles o de melhora. Não é preciso ter muita perspicácia para descobrir o que ele nos sugere. Podemos dizer que os nomes de fantasia são etiquetas e vice-versa. Portanto, temos um encontro entre os nomes de fantasia dos medicamentos que propõem curar as etiquetas de cada um dos transtornos mentais. O DSM em sua quinta edição promete uma ampliação dos transtornos mentais. No entanto, as medicações usadas na esfera da saúde mental não são específicas para tratá-los, mas apenas sintomáticas.

Enfim, no fundo o que está em jogo na invenção dessas etiquetas é o mercado, é a lógica capitalista destinada ao consumo. Lacan fez uma observação curiosa. Ele assinala que o capitalismo inventou a revolução permanente de Leon Trotsky. O pensador marxista aconselhava à Lenin que para a revolução comunista sobreviver e não morrer era preciso reinventá-la de modo permanente. Nem Lenin, tampouco Stalin deram ouvidos a Trotsky e todos sabem o que aconteceu. O capitalismo encontrou sua maneira de fazer sua revolução permanente. A psicanálise, com a orientação lacaniana, está no jogo e também se anima em encontrar a sua peça de resistência que é a de garantir a singularidade e próprio modo de cada um existir no contemporâneo, em que quase tudo está destinado a ser aspirado pelo consumo.

A invisibilidade da criança na sociedade hiper-moderna

Por Ana Martha Maia-Rio de Janeiro

1779. O Vice-Rei Vértiz funda em Buenos Aires a *Casa de Niños Expósitos* para abrigar crianças abandonadas nas ruas e em portas de igrejas. Com a abertura do Porto e o aumento da tropa de soldados para garantir a segurança, há um enorme aumento de estupros das mulheres nativas e, como consequência, o abandono dos recém-nascidos. Do latim *expositus*, a *Casa de Niños Expósitos* é uma instituição que acolhe a criança exposta, enjeitada, abandonada pelos pais.

Século XXI. Através do documentário *Niños em Constitución*, realizado por Melina Caniggia e Mariana Castro, acompanhamos o deslizar do signifiante "expósito" para "crianças de rua" (*niños de la calle*) e "crianças do crack" (*niños del paco*), diferentes formas de nomear a criança na sociedade contemporânea.

No Rio de Janeiro (Brasil), o CineCIEN exibiu em maio o filme "Crianças invisíveis" (*All children invisible*). Através de sete pequenas histórias que acontecem em sete países diferentes, o filme mostra, como no documentário argentino, a situação da infância no sentido apontado por Lacan (2003) quando circunscreve o lugar da criança como resíduo, obje-

to *a* da civilização, a partir da constatação do fracasso das utopias comunitárias com relação à reparação dos ideais da família.

Após a exibição do filme, o CineCIEN convidou profissionais de diversas disciplinas para uma conversa que trouxe informações sobre o "Protocolo de Abordagem à Pessoa em Situação de Rua", instituído pela Prefeitura da cidade no ano passado. Esse protocolo determina que todos os menores recolhidos nas ruas e dependentes químicos, principalmente de crack, sejam obrigados a se tratar. Desde então, notícias na mídia sobre o "recolhimento compulsório" de crianças e adolescentes têm sido constantes. De um lado, a Prefeitura e a Secretaria Municipal de Assistência Social, que coloca o projeto em ação, apoiam-se no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) desenvolvendo o método de recolhimento, triagem e decisão judicial de internação. De outro lado, profissionais de diversos campos, como assistentes sociais, enfermeiros, psicólogos, advogados e integrantes de organizações não governamentais, também referenciados no ECA, afirmam que o recolhimento compulsório tira a criança da rua, mas não oferece tratamento adequado. Que o modo de abordagem e o próprio tratamento oferecido às crianças e aos adolescentes que vivem em situação de risco desrespeitam a Constituição e os direitos humanos, e apontam como saída os Consultórios de Rua e Centros de Atenção Psicossociais. É nesse sentido que *Niños em Constitución* traz uma importante contribuição, em consonância com a proposta do CIEN.

QUE RESPOSTAS NOSSA ÉPOCA OFERECE ÀS CRIANÇAS QUE HOJE MORAM NAS RUAS DE CONSTITUCIÓN?"

Niños em Constitución apresenta testemunhos de profissionais que se dedicam a esta complexa problemática em Buenos Aires e muitas vezes se encontram desanimados por não verem os efeitos esperados no engajamento de seus trabalhos. A realidade no Hospital Dr. Pedro Elizalde – outrora chamado *Casa Cuna*, que em português significa "berço", quer dizer, Casa do Berço, casa que acolhe - mostra que não basta receber a criança ou adolescente no setor de urgência e depois encaminhá-los para as comunidades terapêuticas. No universal da saúde, o desejo do sujeito não tem lugar e o profissional se depara com a sensação de impotência. Quando a direção é o singular, conforme aposta o documentário, é possível oferecer ao sujeito uma saída outra: construir uma história, estabelecer laços sociais, criar "um espaço do fora-dentro", como é sugerido.

Comentando os complexos familiares, Lacan (1938) anuncia o declínio da imago paterna e de seus ideais e anos depois, em *Radiofonia*, ao ressaltar a ascensão do objeto *a* ao zênite social, mostra que a partir de então não é mais o ideal que orienta, mas o gozo.

Freud já havia chamado a atenção para a falha da função da escola em substituir a família e despertar o interesse pela vida.

A escola nunca deve esquecer que ela tem de lidar com indivíduos imaturos aos quais não pode ser negado o direito de se demorarem em certos estágios de desenvolvimento. (FREUD, 1910, p. 217).

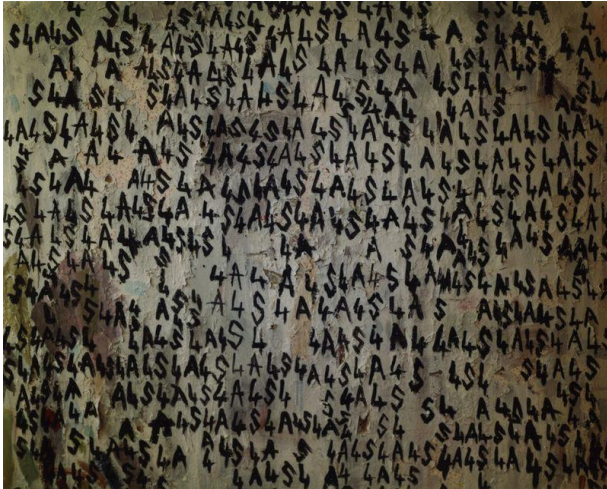
Nesse texto, o autor ressalta a importância da singularidade: cabe à escola servir de suporte e ponto de apoio em uma época de vida em que os jovens se separam dos pais. O que temos observado é justamente o que Freud já havia apontado: a escola tem fracassado nessa função.



Katja Strunz

Diversos autores se dedicam ao tema do declínio da função paterna na contemporaneidade. Para se referir a esta época, Miller utiliza a expressão "no tempo do Outro que não existe" (2005), enquanto Bauman (2001) trata da fluidez e do efêmero na "modernidade líquida" e Lipo-vetsky (2004) sustenta que a "hipermodernidade" é a cultura do excesso,

do sempre mais, do intenso. Laurent (2011) aborda o modo como se vive a pulsão no momento atual da civilização pelo viés do sentimento delirante de vida, das invenções singulares que servem de ferramenta para ocupar o lugar deixado pelo Nome do Pai.



Saul Fletcher

Os avanços da ciência modificam as configurações familiares, as instituições e os impasses com que os profissionais se deparam ao lidar com a criança. Há muitos anos, Laurent (1992) disse que não há criança sem instituição, mesmo que essa seja a rua que a acolhe. E em se tratando de adolescentes, afirma Stevens há certa errância comum, na medida em que não estão inteiramente inscritos em nenhuma instituição (família, colégio, etc.).

La sociedad, el Estado, la seguridad social piden a nuestras instituciones regular esta errancia de los sujetos mal inscritos em el campo social, incluso sin ninguna referencia, más propensos al pasaje al acto – conductas que también llamamos de riesgo – que a um discurso, es decir, a los semblantes. [...] No debemos equivocarnos: esta errancia se debe menos a las condiciones sociales que a las subjetivas (STEVENS, 2012, p. 59).

Estamos no reino do imperativo do supereu e diante desse cenário, a psicanálise de orientação lacaniana se destaca de quaisquer outras propostas porque não forclui o sujeito e se orienta pelo real. Em torno do vazio, sem tamponá-lo, mas fazendo borda, seu *savoir y faire* se aproxima ao da arte. Saber fazer com o vazio é o que fundamenta, em minha leitura, o projeto PIEDRABUENARTE.

No Encontro dos Laboratórios do CIEN-Rio do mês de junho, o documentário *Niños em Constitución* teve sobre os participantes o efeito de despertar a curiosidade sobre esse projeto. Perguntas e questões surgiram nesse sentido, de querer saber mais sobre a experiência. Foi observado o duplo sentido do título *Niños en Constitución*, tendo em vista que *Constitución* é o nome de um lugar, mas também a condição de toda criança e adolescente, por estarem em constituição, em processo de constituição.

Com relação à virada entre o trabalho do Hospital e do Galpão Cultural, foi apontado que o segundo abre um espaço para o saber da criança, enquanto que o Hospital vinha com uma proposta de trabalho pronta, já "sabendo" do que as crianças precisam, o que acaba por gerar frustração e desânimo por parte dos profissionais, que ficam esperando as medidas do governo e que as crianças recebam as ofertas.

Na I Jornada de Estudos do Instituto da Criança, em Paris, 2011, Miller colocou que a criança possui um saber autêntico que, como tal, inscreve-se no discurso analítico. E propôs o termo "epistemo-política" para designar a política dos saberes que a concernem, levantando a seguinte questão: quando os poderes disputam entre si, com quais significantes

mestres a criança será marcada? De todo modo, prosseguiu, cabe ao Instituto da Criança restituir o lugar de saber da criança.

Bibliografia

- BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- SIGMUND, Freud. (1910) Breves Escritos, *Contribuições para uma discussão acerca do suicídio*. Obras Completas, v. XI. 1986.
- LACAN, J. (2001[1938]) "Os complexos familiares na formação do indivíduo". *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.
- _____. "Duas notas sobre a criança". *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, p.369.
- _____. (2001[1970]) "Radiofonia". *Outros escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 2003.
- LAURENT, E. "Institution du fantasme, fantasme de l'institution". *Les Feuilles du Courtil*, nº 4. Publication du Champ freudien en Belgique. 1992, p.11.
- LIPOVETSKY, G. (2004) *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- MILLER, J-A.; LAURENT, E. *El Outro que no existe e sus comités de ética*. Buenos Aires: Editorial Paidós. 2005.
- STEVENS, A. "La errancia del toxicômano". *Colofoón – Boletín de La Federación Internacional de Bibliotecas de La Orientación Lacaniana*. Políticas delirantes, n. 32, Marzo 2012.
- LAURENT, E. *El sentimiento delirante de la vida*. Buenos Aires: Colección Diva, 2011.

Para além da infração - a experiência no Selex¹

Por Débora Matoso² e Marcos Vinicius Bortolus³

Selex – Sistemas Elétricos Experimentais – é um projeto de extensão vinculado ao curso de graduação em Engenharia de Sistemas da Universidade Federal de Minas Gerais, desenvolvido em parceria com Projeto Catu⁴ do Tribunal de Justiça de Minas Gerais.

¹ Esse texto é fruto do trabalho realizado pelas equipes dos Projetos Selex, Catu e

² Psicóloga, Psicanalista em formação, Mestranda em Psicologia pela UFMG, Responsável pelo laboratório Selex.

³ Prof. Dr. Escola de Engenharia da UFMG, Coordenador do Projeto de Extensão Selex.

⁴ A partir da demanda de acompanhamento à adolescentes em sofrimento psíquico feita pela Vara de Infância e Juventude ao Programa de Atenção Integral ao Paciente Judiciário - PAI-PJ surge, então, uma experiência piloto. Essa experiência se desdobra no Projeto Catu. A construção da orientação no Projeto CATU - TJMG tem se referenciado a partir de uma outra lógica de acompanhamento, em medidas protetivas, de adolescentes em conflito com a lei. Esse acompanhamento se faz sustentado por dois eixos norteadores: a construção do caso e a articulação de rede. Essas ações e aproximações serão feitas orientadas pela palavra do adolescente que está sendo acompanhado. Orientar-se pelo interesse do adolescente faz com que o objeto de intervenção do projeto seja, muitas vezes, de o sustentar junto à rede a existência de um ponto fora da curva, ou seja, um ponto fora da rede.



Dudi Maia Rosa

Esse projeto foi proposto por professores, pós-graduandos e graduandos da UFMG, em Engenharia, Psicologia, Filosofia, Educação a partir do eixo "*Humanidades*" proposto no plano político-pedagógico do curso de graduação em Engenharia de Sistemas. Eixo que busca uma formação suplementar, paralelamente à formação técnico-científica, através da qual se pretende ampliar a implicação dos alunos com questões sociais, políticas, econômicas, éticas, filosóficas, envolvendo a ciência, a tecnologia e o 'fazer' da engenharia. (NETO *et al*, 2011)⁵.

⁵ NETO, O. M. *et al*. (2011) Curso de graduação em Engenharia de Sistemas da UFMG. In: Anais do XXXIX COBENGE, Blumenau.

O Selex se dedica a receber os jovens acompanhados em medidas protetivas pelo Catu e os jovens estudantes de engenharia, belas artes, psicologia, assistência social, direito [dentre outros] em laboratórios da Escola de Engenharia, no campus da UFMG, para juntos participarem das oficinas de comunicação, circuitos elétricos e informática.

Nessas oficinas os participantes têm experimentado uma forma de convivência na qual lado a lado aos conhecimentos científicos e tecnológicos está o saber dos jovens. Um tipo de saber que se constitui a partir de suas experiências de vida, que passa pelo corpo, possibilitando, aos adolescentes, sobrevivência mesmo diante de situações desfavoráveis. Se cada um aprendeu um conjunto de coisas e o Selex se interessa por esse saber, trabalhamos na construção de um produto, um objeto físico ou virtual, em todos os momentos de contato com os jovens, visando o "empoderamento desses jovens através da confecção de um objeto"⁶.

O Selex parte da noção de "pro-jeto", proposta por Célio Garcia, "pro-jeto, assim escrito separadamente, quer dizer uma maneira de você pensar naquilo que serão as saídas e os impasses atuais."⁷ (GARCIA, 2000, p. 70). Uma maneira de pensar que se sustenta a partir de um esforço de tomar o ato infracional não pela via de um "desvalor social"⁸,

⁶ Referência: O Projeto de Extensão Universidade das Quebradas é uma experiência acadêmica na área da cultura que pretende consolidar um ambiente de troca entre saberes e práticas de criação e produção de conhecimento, articulando experiências culturais e intelectuais produzidas dentro e fora da academia. Disponível em: <www.universidadedasquebradas.pacc.ufrj.br>.

⁷ GARCIA, Célio. *Clinica do Social*. Belo Horizonte: Projeto, 2000.

⁸ PAULA, Paulo Afonso Guarrido de. Ato infracional e natureza do sistema de responsabilização. In: ILANUD; SEDH; UNFPA (Orgs.). *Justiça, adolescente e ato infracional: socioeducação e responsabilização*. São Paulo: ILANUD, 2006. p. 25-48.

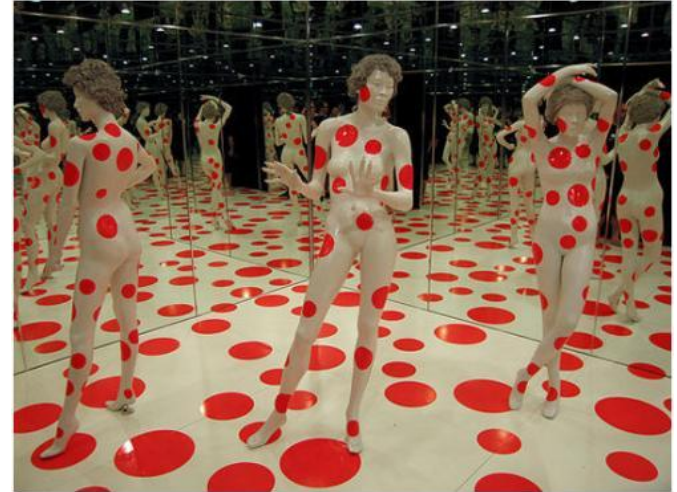
mas por fazer emergir o aspecto positivo contido na infração, destacando e potencializando o "valor epistêmico da infração"⁹ – ideia que se afasta da noção de periculosidade para favorecer a inventividade que a infração porta. Vale ressaltar que estar orientado por uma vertente positiva do ato infracional significa que a materialidade com a qual o Selex irá construir seu dia a dia será a partir da mistura entre o saber dos jovens e os elementos de cunho científico que irão se apresentar no momento de construção dos objetos.

Dessa experiência interessa também, além das práticas que ali foram feitas com jovens, seja a confecção de lanterna, motor, avião, barco, *funk* ou dobradura, mais e, sobretudo, a liberdade que tem sido possível vivenciar no trabalho com os jovens. Algo novo. Estamos chamando de liberdade àquilo que se dá como um espaço, uma margem de manobra que nos permite fazer e refazer. Possibilidade de espaço para construção de uma forma outra de convivência pautada por princípios e não por regras estabelecidas à priori. "*Um espaço de aceitação do outro como legítimo outro na convivência*".¹⁰ A construção de um objeto tem sido um pré-texto para chegarmos ao texto que nos interessa, a saber, o texto político. Aquele que se faz no dia a dia das relações e como produto do esforço de abordar o conflito e sustentá-lo em conversação, dando tratamento à agressividade, mas sem neqá-la.

Dessa experiência muitos pontos merecem atenção e desenvolvimento, mas destacaremos a presença dos agentes socioeducativos da Secretaria de Defesa Social responsáveis por conduzir os jovens em cumprimento de medidas privativas de liberdade ao curso Selex.

⁹ Expressão cunhada por Dário de Moura em sua pesquisa de mestrado em Engenharia de Produção pela UFMG.

¹⁰ Emoções e Linguagem na Política e na Educação. Belo Horizonte: UFMG, 2002.



Yayoi Kusama

1 – A presença dos Agentes Socioeducativos

A presença dos agentes nas oficinas do projeto tem acontecido de forma bastante peculiar, mas que talvez guarde relação com a participação dos agentes nas primeiras edições do projeto.

No início (2011), os agentes que foram acompanhar os adolescentes por vezes se posicionavam de forma a inviabilizar a participação dos jovens na atividade. Através de piadas, posicionamento de corpo, desinteresse, etc. buscava-se eliminar qualquer tipo de diferença que aquele espaço se esforçava por marcar em relação ao sistema socioeducativo. Diante dessa postura dos agentes, foi necessário estabelecer para os participantes das atividades que ali estávamos orientados por outras referên-

cias, outra lógica – para tanto, os agentes foram convidados a permanecerem do lado de fora da sala, marcando com o espaço físico tal distinção. Aposta de que a vertente da punição e do controle ficaria do lado de fora e que ali era um espaço para se construir novas formas de convivência.



Magnus Plessen

Em 2012, uma transmissão já havia sido feita. Foi possível recolher os efeitos dessa transmissão nas falas dos jovens [do Catu e da UFMG]. Permanecer com os agentes do lado de fora também não era nossa orientação, pois perpetuávamos uma forma de segregação, que estávamos

ali para desconstruir. Precisávamos de uma estratégia para convidá-los a entrar, a participar. O lanche foi a porta de entrada. Na hora do lanche todos entravam na sala, momento de descontração que possibilitava a conversa, algum tipo de aproximação. Assim pouco a pouco fomos chamando os agentes a participarem das atividades, a tomarem assento [e a palavra].

Foi assim com a questão do celular. Havia um impasse que foi abordado em conversação: 2 adolescentes haviam infringido uma regra "institucional" – usaram o celular na UFMG. Interessava ouvir os agentes e possibilitar que eles ouvissem também outras pessoas que ali estavam. "Qual regra era essa? De onde? Quem ali estava sustentando tais regras?", perguntas que surgiram ao longo da conversa.

Assim pudemos admitir, pelo menos, que havia um impasse entre nós. E que seria mantido dessa forma até que fosse possível avançar. Sequimos conversando. Mas sequimos de outro modo. Alguns agentes passaram a querer saber de polos positivos e negativos que ora se atraem e ora se repelem, outros se colocaram a fazer encadernações utilizando materiais recolhidos pelas ruas.

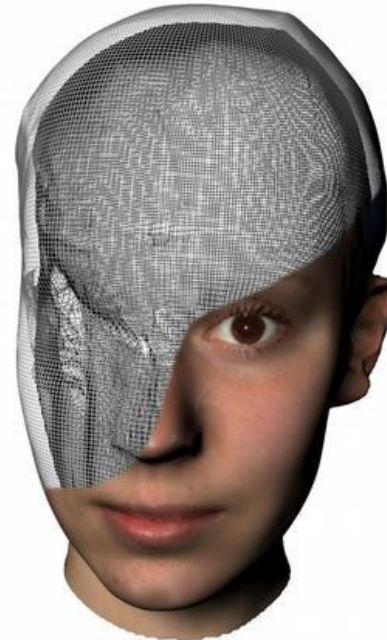
O Selex também se inscreve, no CIEN, como um laboratório, propondo a conversação, na qual participam uma equipe interdisciplinar (professores de engenharia, psicólogos, filósofos, assistentes sociais, advogados, estudantes e os jovens). Por vezes, faz intervenções que poderíamos chamar pontuais, por se caracterizarem pela brevidade. A conversação se torna uma proposta de intervenção pontual por "fazer falar"¹¹ campos discursivos distintos. Localizando o conflito entre tais discursos. Habitualmente etiquetamos o adolescente como rebelde, revoltado (quando ele

¹¹ Expressão trazida por Fabian Narparstek em conferência na XVII Jornada da EBP - Seção Minas Gerais.

inventa alguma coisa é em função desta negação). Esquecemos de observar o quanto ele é afirmativo quando toma a palavra.

Portanto, sustentar o conflito do campo discursivo, em conversação, tem sido uma forma de não nos colocarmos em oposição "a", mas de possibilitarmos a construção de uma resposta coletiva para os impasses. Só então encontraremos lugar para o reconhecimento do jovem, por vezes etiquetado com o nome infrator, enquanto adolescente.

Quando o Selex pergunta sobre o saber dos jovens e os convida a transmitir o seu saber aos demais, busca instituir um espaço de troca e de diálogo entre os vários saberes que compõem a textura cultural da cidade. Ampliando o campo de ação das palavras, a movimentação dos corpos, a favor de uma "*universidade para a diversidade*"¹².



Lies Caeyers

¹² VAZ, Sérgio. *Manifesto da Antropofagia Periférica*. Disponível em: <www.universidadedasquebradas.pacc.ufrj.br>.

Conversa o CIEN - CEREDA

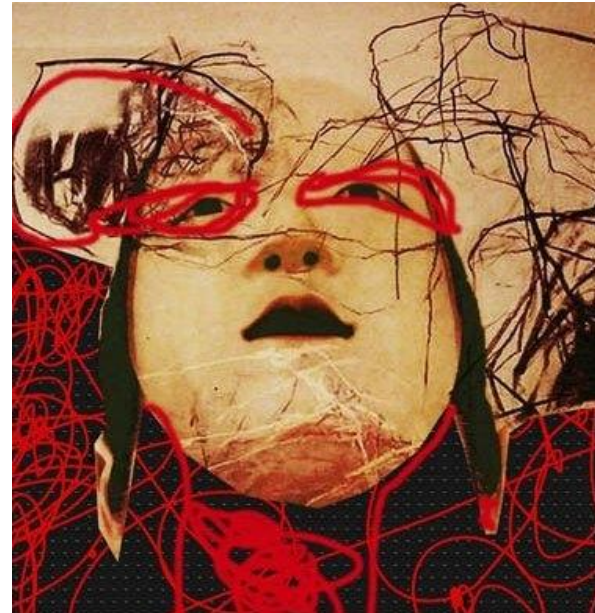
Qual o lugar da angústia da criança em tempos da
etiquetagem generalizada?

Por Maria Luiza Ricupero e Valéria Ferranti Baptista. São Paulo

No dia 23 de agosto de 2012, realizamos em São Paulo a primeira conversa o CIEN - Nova Rede CEREDA com a participa o do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise e Psicose do Clin-a. Reunimo-nos para trocar experiências e estabelecer possiveis pontes entre os nossos grupos de pesquisa, uma vez que nos deparamos com questões muito parecidas na prática diária. E foi em torno do empuxo  o etiquetagem na sociedade atual que surgiu o tema para essa conversa o: Qual o lugar da angústia da criança em tempos da etiquetagem generalizada?

Diariamente escutamos ou lemos notícias de que a ciência descobriu um novo medicamento ou fez um novo diagnóstico para explicar algum distúrbio de comportamento da infância. Como diz Tarrab¹³, "trata-se de

amostras, da marcha do mundo atual onde as crianças de Skinner são chamadas a se tornarem legião".



Jaya Suberg

¹³ TARRAB, Mauricio. *Ni os en el mundo del control*. Página 12, 25 ago. 2011. Disponível em: <<http://www.paqina12.com.ar/diario/suplementos/rosario/21-30136-2011-08-25.html>>. Acesso em: set. 2011.



Cristina Canale

Hoje, a infância é classificada pelas mais diversas etiquetas, que estão a serviço de uma sociedade de controle. Tarrab mostra-nos como as crianças têm sido objeto de inúmeras intervenções avaliativas, que, apoiadas no discurso da eficácia e da ciência, buscam a implantação de políticas de controle. Com base na autoridade da ciência, articula-se um discurso em defesa da interferência no social em nome do bem público e da proteção do indivíduo. Segundo esse autor, “para a sociedade da eficiência, o sintoma e a angústia são intoleráveis. O resultado, a solução do

“distúrbio” – que não chega a se tornar sintoma e que não é, então, suscetível de um trabalho terapêutico se fosse necessário – é uma discriminação em ato, que leva a uma identificação do “distúrbio” ao ser da criança”.

Quais os efeitos dessa prática de controle, que promete um saber sem furos nos campos da saúde e da educação, e quais as consequências disso para a criança de nossa época?

Para a reflexão dessas questões, representantes dos grupos de pesquisa trouxeram suas contribuições.

Jéssica Oishi, do laboratório *As manifestações do higienismo na atualidade*, CIEN/SP, trouxe uma reflexão sobre as marcas do movimento higienista na contemporaneidade. Esse movimento nasce no sec. XVIII e se fortalece no sec. XIX. Ao longo da história, a atuação dos higienistas esteve vinculada, sobretudo, a contextos educativos e pautada na importância do controle, na instauração de uma disciplina dos corpos e na propagação de um “bem-estar” da população como meta a ser alcançada.

Um dos efeitos dessa forma de pensar higienista pode ser percebido nas práticas de adoção. Sabe-se que, atualmente, o Judiciário é a instância encarregada pela adoção que é considerada pelo poder público uma “medida de proteção” à criança. As crianças que recebem a etiqueta de “adotáveis” são aquelas cujas famílias foram avaliadas pelo judiciário como incapazes de continuar cuidando de seus filhos. A partir daí, o Estado assume a responsabilidade por essas crianças até que elas sejam colocadas no seio de famílias consideradas adequadas.

A isso se soma a interpretação social do termo *adotados*, que via de regra, funciona como uma etiqueta, um significante que nomeia uma condição e assim, aprisiona a criança a uma condição desfavorável. Adotado, muitas vezes é usado como sinônimo de problema.

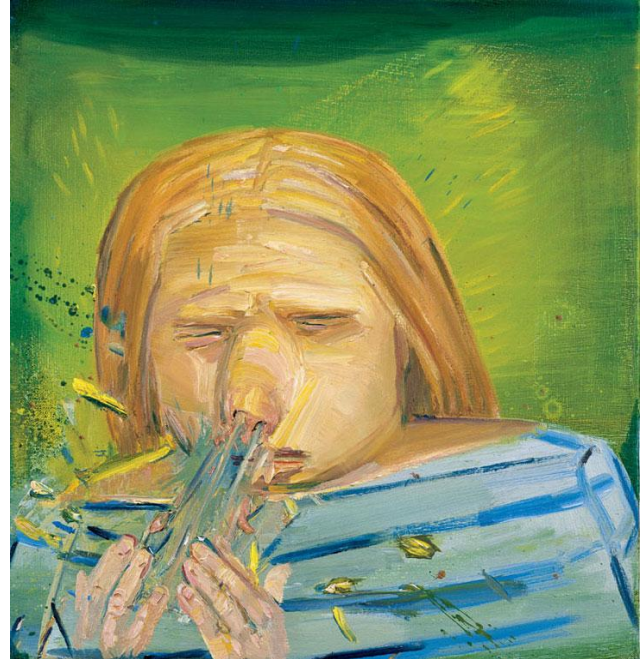
Uma vinheta clínica apresentada pelo Núcleo de pesquisa em psicanálise com crianças, Ciranda/ Clin-a, que integra a Nova Rede Cereda,

aponta para a diferença entre diagnosticar e tratar. Embora o uso de certo semblante avaliativo às vezes mostrar-se necessário, a aposta no sujeito permitiu o deslocamento dos significantes atribuídos à criança, por parte dos profissionais do abrigo. Em certa medida, como diz Tarrab, avaliar, classificar e diagnosticar tranquiliza os pais e os profissionais que se ocupam das crianças, em relação à angústia diante do não saber em face de uma infância difícil. Numa sociedade onde as instituições apelam para uma direção no sentido do diagnóstico, as parcerias entre profissionais estão cada vez mais voltadas para o controle.

Raquel Diaz Degenszajn, do *Ciranda*, fez um histórico do DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), mostrando como a lógica diagnóstica do DSM pode ser interpretada como a melhor tradução, na nossa atualidade, daquilo que poderia ser chamada "uma máquina de fabricar etiquetas".

O DSM foi construído a partir da necessidade de recolher informação estatística para o desenvolvimento de uma classificação de transtornos mentais nos Estados Unidos. É um manual utilizado por profissionais da saúde mental, que lista diferentes categorias de transtornos mentais e critérios para diagnosticá-los, de acordo com a Associação Americana de Psiquiatria. Vale a pena ressaltar também outro guia usado para esse fim, que é a seção de desordens mentais da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas relacionados com a saúde – CID, elaborada pela OMS.

Hoje o DSM tem um espaço muito amplo dentro do contexto da saúde, pois funciona como referência para os campos de saber; cria uma linguagem comum a partir da confiabilidade do diagnóstico; fornece um código estatístico tanto para pagamento de serviços como para a orientação de procedimentos forenses e para pesquisas mais precisas e dá uma indicação quanto ao uso de medicamentos.



Dana Schutz

Ao longo das mudanças ocorridas no DSM, desde sua primeira versão até a atual, verifica-se que o paradigma da psicopatologia foi sendo substituído pelo modelo biomédico que proporcionou grande avanço no campo das pesquisas em saúde mental, especialmente no que se refere à



Thomas Devaux

farmacologia e às neurociências. Com isso a psiquiatria coloca os transtornos mentais como objeto formal de estudo. Como consequência da tomada de posição empirista, o DSM longe de lançar luz sobre o conhecimento dos sofrimentos mentais, segue a tendência de produzir mais mercado para as intervenções psiquiátricas. Como exemplo, a partir do próximo ano, com a publicação do DMS-V, o "transtorno do espectro autista" (TEA) abará todos aqueles que até então apresentaram o transtorno autista, o transtorno de Asperger, o transtorno desintegrativo da infância e o transtorno generalizado do desenvolvimento não especificado. As áreas privilegiadas pelos novos critérios passam a ser de déficit social e de comunicação e interesses fixos e comportamentos repetitivos, caindo a esfera da linguagem e seus distúrbios por não serem únicos ou universais no TEA, que passa a ser compreendida como um fator que influencia os sintomas e não definem o diagnóstico. Ao se cumprirem os dois domínios (simultaneamente) melhora a especificidade, incluem-se níveis de severidade para o TEA e, finalmente, esse é definido como um "transtorno do desenvolvimento neurológico" que deve estar presente desde a mais tenra infância.

Nesse contexto, Raquel questiona qual é o alcance de um profissional orientado pela psicanálise, num campo regido pelo imperativo de medidas generalizantes e homogeneizadas que representam a busca irrefreável da eficácia técnica?

Se por um lado o discurso da ciência pautado em protocolos, estatísticas, avaliações de resultados e padronização de condutas acaba reduzindo o sofrimento psíquico com toda a sua complexidade a uma categoria diagnóstica, por outro, a clínica psicanalítica se situa no marco daquilo que a ciência deixa fora como impossível – o real – a suportar – e que o discurso capitalista exclui.

A psicanálise tem sua eficácia e é preciso transmiti-la. Foi com essa questão que encerramos nossa conversação, que já teve como efeito a oferta de atendimento – por parte dos colegas do Ciranda (Núcleo de

Pesquisa em Psicanálise com crianças)– para crianças acompanhadas por duas Varas da Infância da cidade de São Paulo.

Infância sob controle

O documentário de Marie-Pierre Jaury

Por Heloisa Prado Rodrigues da Silva Telles –São Paulo

Em 2005, temos a publicação, pelo INSERM, de um polêmico relatório, conhecido como relatório Benisti, sobre transtornos de conduta nas crianças e adolescentes¹⁴. Totalmente alinhado com a política do DSM, ilustra à perfeição como a patologização da infância encontra nos avanços tecnológicos um forte impulso.

Os expertos responsáveis por sua elaboração assim se interrogam acerca do problema: como interagem as suscetibilidades genéticas, o temperamento, a personalidade com o ambiente familiar e social? Qual é a lição entre o problema de conduta e os diferentes déficits neurocognitivos identificados? Por fim, em um longo capítulo dedicado às recomendações, afirma-se categoricamente que as pesquisas biológicas, neurológicas e em neuroimagem abrem o caminho para uma melhor compreensão do problema¹⁵.

A leitura do relatório Benisti provoca em Marie-Pierre Jaury um forte interesse pelo tema e a leva a realizar o filme-documentário *Infância sob*

*controle*¹⁶, lançado na França em 2009 e, por uma iniciativa de Judith Miller, amplamente difundido no Campo Freudiano. A ideia do filme, no entanto, é suscitada por uma interrogação que a própria diretora se colocou: "A partir de que momento, pode-se estabelecer que alguém é normal ou não?"¹⁷. Identifica com facilidade pesquisas realizadas na Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos e Canadá, dentre outros países, uma vez que os problemas de conduta das crianças e adolescentes tornaram-se uma preocupação central em nossas sociedades¹⁸.



Maurizio Cattelan and Pierpaolo Ferrari

¹⁴ INSERM [Institut National de la Santé et de la Recherche Médicale]. *Trouble des conduites chez l'enfant et l'adolescent*. Éditions Inserm, Sep. 2005. 428p.

¹⁵ Ibid. p. 5 e p. 38.

¹⁶ *L'Enfance sous contrôle*. Um filme de Marie-Pierre Jaury. 2009 - France, Canada (Québec) - 52 minutos - Video. Production/Diffusion: Point du Jour, Intuitive Pictures, ARTE France.

¹⁷ MILLER, J.; DHERET, J. Entrevista a Marie-Pierre Jaury, realizadora do documental "La infancia bajo control". *Colofon – Boletín de la Federación Internacional de Bibliotecas de la Orientación Lacaniana*, Barcelona, n. 32, p. 26-34, mar. 2012.

¹⁸ JAURY, M-P. *EletroCIEN*, n. 82.



Martin Klimas

E o filme demonstra as várias faces do que poderíamos chamar de um projeto de prevenção e detecção precoce da criminalidade, da delinquência, agora renovado pelo cientificismo. A sucessão de imagens e entrevistas com os expertos responsáveis pelos estudos vão compondo, não sem causar um forte impacto, os firmes propósitos de se identificar cada vez mais precocemente eventuais periculosidades na infância. Estes estudos ditos científicos, que estão a serviço de um projeto político de um tipo de sociedade, anseiam reunir o mais amplamente as premissas do que poderia constituir um verdadeiro percurso delinquente.

Em sua essência, no entanto, esses estudos fazem perfeita ressonância com os anseios higienistas do final do século XIX e início do século XX – uma ampla literatura a respeito das ações dirigidas à infância e as mais diversas políticas de prevenção dos distúrbios mentais e das desordens sociais o comprova.

O que este filme nos provoca? Em primeiro lugar, coloca a céu aberto como os saberes especializados podem produzir discursos e verdades sobre a criança, ou, como nos indicou J.-A. Miller¹⁹, evidencia de maneira muito preocupante a criança totalmente “vitimizada pelo saber”.

Os efeitos deste documentário puderam ser verificados em uma atividade recente na EBP-São Paulo, em uma Noite da Biblioteca, organizada no dia 7 de novembro de 2012 pela Diretoria de EBP-SP e o CIEN. Dra Dora Aparecida Martins de Moraes, Juíza de Direito da Vara Central da Infância e Juventude na Cidade de São Paulo, especialmente convidada para este debate, interroga-se acerca dos próprios profissionais envolvidos nestas pesquisas: o que os leva a acreditar no que fazem? Nesse encontro, tivemos a oportunidade de saber e discutir sobre a atuação dos psiquiatras nos abrigos e a crescente medicalização de crianças que se encontram em situações, por vezes, extremamente angustiantes pela condição de abandono, separação dos familiares e em longas esperas por adoções, muitas vezes, frustradas. Rômulo Ferreira da Silva, psicanalista, AME e AE da EBP/AMP, retoma o percurso da psiquiatria dita biológica, hoje caminhando para sucumbir definitivamente na nomenclatura das neurociências, e sua política de avaliação e produção de manuais diagnósticos e de tratamento. Isso comandado fortemente por interesses de determinada “comunidade científica” e pela indústria farmacêutica.

As políticas delirantes de avaliações e quantificações também foram evocadas sob vários aspectos, evidenciando-se duas questões funda-

¹⁹ MILLER, J.-A. A criança e o saber. *CIEN Digital*, n. 11, jan. 2012.

mentais: o que se quer mensurar e as perigosas correlações estabelecidas entre os resultados obtidos.

Um filme, um instrumento político, competentemente conduzido por Marie-Pierre Jaury, que sabiamente pode nos dizer: "Entrecortei três belas imagens de *400 Coups*, de François Truffaut, para nos lembrar que toda infância é felizmente indisciplinada"²⁰.

Comentário a partir do texto CANIBALISMO E O DOM DA PALAVRA, de Éric Laurent

Por May Guimarães²¹ - Maranhão

O texto de Éric Laurent apresenta algumas reflexões sobre canibalismo e o dom da palavra, tendo em vista a relevância do tema para a psicanálise na sociedade pós-moderna, onde o mercado subsumiu o sujeito e o Outro é constituído de forma global sem precedentes na história da humanidade. A constituição do sujeito e seus objetos tornam-se cada vez mais complexa. Em outros termos, a questão da emergência do "sujeito invisível da palavra" e "dos paradoxos do supereu", principalmente no que diz respeito às novas gerações e seus sintomas/sinthomas está em pauta no âmbito da Filosofia, da Arte e da Psicanálise.

Laurent menciona o paradoxo do canibalismo em relação à infância colocada como consumidora-mor pela indústria cultural, pelas mídias e

pelas estratégias de publicidade. O fato de que a criança tem sido consumida pelo mercado se expressa, sobretudo pela destruição dos vínculos afetivos mãe-filho. A culpabilidade materna se desfigura pelo trabalho feminino, pela ausência materna causada por fatores determinantes da condição da mulher em relação ao mundo do trabalho e da família.



Emilio Vedova

²⁰ JAURY, M.-P. *EletroCIEN* n. 82.

²¹ May é psicóloga e pedagoga. Pós-doutorado em Educação e Saúde Mental.

Após uma releitura desse texto podemos parafrasear Freud e lançar a seguinte pergunta: O que quer uma criança hoje, ou melhor, qual o seu desejo?



Felipe Cohen

A focalização na ideia de Lacan de que o inconsciente se estrutura como linguagem e da importância da cultura, como aquela instância que nos liberta do real, ainda que de forma parcial, aponta para a compreensão do mal estar da ordem simbólica atual, a partir dos seus determinantes socioculturais. Ao conceber o Estádio do Espelho como formador da função do eu (je), Lacan

[...] inaugura a escrita da letra **a**, utilizada nesse momento para cifrar o eu e o objeto, esse último considerado como o semelhante. No espelho, o nascimento do eu se confunde com a imagem do corpo próprio, ao

mesmo tempo em que a imagem no espelho é apreendida como objeto. Nessa relação inaugural com o Outro, o homem investe o objeto por meio de sua imagem especular, e essa miragem de totalidade lhe dá uma forma ortopédica ao corpo próprio, numa espécie de precipitado da forma do seu corpo que se adianta à sua maturação biológica. (GRECO, 2011, p. 4)

A reflexão sobre a cultura e diversas concepções de canibalismo vem se alterando ao longo da história, suas metáforas e importância simbólica variam em cada modo de produção da existência humana. Na sociedade tribal o canibalismo é aceito e praticado em forma de ritual. Podemos dizer que na sociedade asteca, o canibalismo fazia parte da sua história de forma central, dominando outras culturas ameríndias. No feudalismo, a propriedade privada da terra e do usuário canibalizava os sujeitos trabalhadores, escravizando-os e consumindo-os pelo trabalho desumano. Essa forma de trabalho alcança o modo de produção capitalista que inaugura a subsunção real do trabalhador à máquina e ao capital. Na modernidade podemos dizer que a sociedade de consumo consome o consumidor.

A emergência do sujeito na modernidade ocorreu concomitantemente ao surgimento das ciências humanas dispostas a elucidar a questão da sua subjetividade. Com o aparecimento do iluminismo e do romantismo ocorreu também o surgimento da Psicanálise. No decorrer do tempo entre o final do século XIX e final do XX se verificou a expansão da Psicanálise, assim como sua aplicabilidade mediante as demandas do infante - aquele que não fala - e padece na sua estruturação especular mais precoce da configuração interna de objeto **a** e suas implicações identitárias na trajetória individual. Contraopondo-se a toda forma de canibalismo historicamente espalhado pela Europa e demais países, emerge a "cura pela fala", com proposições acerca do sujeito da linguagem fora de todos os determinantes de origem econômico sociais.

Sabe-se que a antropofagia ou canibalismo faz parte de costumes tradicionais no modo de produção tribal em diversos momentos de desenvolvimento cultural. Algumas tribos têm por tradição escolher os guerreiros mais valentes da tribo dominada para serem comidos em uma cerimônia de caráter sagrado onde acreditam, assim, adquirir as características dos vencidos. O reino animal não realiza rituais de devoração da própria espécie, somente o *Homo sapiens sapiens* desenvolveu esse costume. Os lobos, a não ser em situações extremas, não devoram a si mesmos, só os seres humanos são capazes de autodestruição refinada, imaginária e simbólica.

Além de o canibalismo ser uma forma de violência praticada até os dias de hoje, o ser humano é também capaz de criar apresentações e representações tendo como padrão a antropofagia. A Arte Moderna brasileira na primeira metade do século XX soube aproveitar a metáfora antropofágica para propor uma nova roupagem para a estética e arte da época. Sob a influência da ordem simbólica do início do Século XX, principalmente das ideias de Marx e Freud, Oswald de Andrade no Manifesto Antropofágico de 1928 deslocou o objeto estético da Arte Moderna brasileira. Tratava-se de deglutir, ruminar, reelaborar as influências europeias na expressão artística nacional. Não se pensava simplesmente em abominar a dependência cultural franco-ibero-inglesa, mas de ir além e possibilitar o surgimento invisível da cultura brasileira, construindo-se através da singularidade de uma nação em crise identitária. Àquela altura era necessário que se possibilitasse a soltura da palavra em um Brasil cuja produção cultural sempre esteve atrelada aos determinantes das metrópoles europeias.

Convém lembrar Monteiro Lobato, escritor do mundo da fantasia infantil, que dizia "chega de ser cauda de cometa, precisamos ser o núcleo". Podemos imaginar nosso imaginário infantil sem a Emília, o Visconde de Sabugosa e Dona Benta? Impossível pensar a formação da lite-

ratura nacional sem o modernismo e seus escritores, poetas, pintores, escultores e músicos.



Marc Lamey

Se pensarmos que no espelho não verificamos apenas a própria imagem especular mas também o que está por detrás do sujeito, o seu entorno e os restos imagéticos presentes, podemos relacionar a formação do eu e da linguagem em bases culturais, sociais e históricas. Compreendemos a alienação do sujeito no eu a partir da compreensão do estádio do espelho, no qual o sujeito apreende a si mesmo em relação com o ou-

tro especular, que constitui sua identidade mediada pelo eixo imaginário cultural.

O espelho é, portanto, o ponto de partida da subjetividade humana, 1 já que a imagem do corpo próprio é uma espécie de matriz simbólica do sujeito, proto-símbolo de sua presença no mundo. Nesse instante de ver, a presença do Outro vem marcar indelevelmente o sujeito pelo significante, descorporificando o eu- ou eu (moi)-, que entra no discurso como forma de dar substância ao sujeito- ou Eu (je). (GRECO, 2011, p. 6)



Leda Catunda

A explanação sobre o objeto **a** no texto abaixo nos permite compreender as relações entre cultura e Psicanálise aplicada à infância em condições de insegurança e violência.

Não há como sobreviver sem a cultura, esse utilitário imprescindível, prótese virtual que se acrescenta a nosso hardware para fazer de nós o que somos. Ele organiza o caos, permite discernir coisas e gentes do afluxo incontrolável de estímulos do REAL. Em consequência, só há relação direta com o universo pelos caminhos desse software de conexão. Incontornável, a cultura também é sempre incapaz. Em sua ordenação deixa necessariamente algo de fora. Como o real não cabe no enquadre e nada pode ser acessado fora dele, algo não pode se representar. Isso, porém, não quer dizer que não possa se apresentar, caso em que se faz como um irrepresentável. Apesar de quase invisível, revela-se essencial por concentrar a força viva do real "em si". (VIEIRA, 2008:14)

A proposta do CIEN remete-nos a conceber realizações criativas nas quais crianças e adultos surgem como sujeitos polissêmicos e históricos.

Bibliografia

- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- GLAZE, Alejandra *et al.* (orgs.) *A saúde para todos, não sem a loucura de cada um: perspectivas da psicanálise*. Rio de Janeiro: Wak, 2011.
- GRECO, Musso. Os espelhos de Lacan. *Opção Lacaniana* online, nova série, ano 2, n. 6, nov. 2011.
- LAURENT, Eric. *Loucuras, sintomas e fantasias na vida cotidiana*. Belo Horizonte, Scriptum livros, 2011.
- _____. Canibalismo e dom da palavra. *Terre du CIEN*, n. 6/1
- VIEIRA, Marcus André. *Restos; uma introdução Lacaniana ao objeto da psicanálise*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

VIDA DOMINADA PELA PALAVRA

fragmentos de vida e atos de palavra Philippe Lacadée, ed
Michèle 2012

Por Philippe Cousty -França

"Por que os insultos e injúrias invadiram o discurso corrente, ao ponto de produzir, quando são usados, não uma ligeira deformação da realidade, mas uma parada brutal do discurso como laço social?"²²

Tocado por esta questão, Philippe Lacadée escreveu este livro.

O insulto tem no contexto do diálogo a primeira e última palavra.²³ Ele atua aí onde a falta do Outro faz surgir o ser do sujeito como objeto (a)²⁴

"Eu proponho... situar... o mal-entendido no próprio coração daquilo que do Verbo toma a fisionomia do insulto."²⁵

A "Modernidade irônica" oferece ao sujeito objetos falsos esperados para reduzir sua falta, acasalados sempre a um mais de gozar. Rompendo a articulação que faz laço socialmente "na margem do Outro", produ-

²² LACADÉE, P. *Vie éprise de parole*. Paris: Michèle, 2012. p. 7.

²³ LACAN, J. *Etourdit, Autres Ecrits*, Paris, Seuil, 2000. p. 487.

²⁴ MILLER, J-Alain. Citado por PH Lacadée, p. 208.

²⁵ Idem, p.189.

zindo o significante em si, conectando-se o excesso de gozo diretamente com a linguagem... "Tudo imediatamente".

O Nome do pai margeia o excedente de gozo pelo recalque, e oferece ao sujeito através das identificações o caminho a partir de um ponto desenvolvido extensamente em sua primeira obra.²⁶



Steve McCurry

²⁶ LACADÉE, P. *Le malentendu de l'enfant* Paris: Michèle, 2010.



William Ropp

Hoje, o objeto comanda, não há mais bússola comum, todos têm que inventar seu próprio caminho, com a condição de que lhe sejam oferecidas as condições para um encontro permitindo fazer dom da palavra lá onde isso não fala.

O que vem do Outro é contingente, o que conta é o uso que o sujeito faz do gozo²⁷ e quando ele aposta no pior, como dele se separar através dos atos de fala: é isso que produz o ato analítico mas também a entrada das conversações do CIEN que tornam de novo possível a articulação linguageira²⁸.

Através de fragmentos de vida, de obras do escritor, a partir do último ensino de Lacan ele nos diz que o veneno do insulto se origina daquilo que dá corpo à poesia.

Exemplos marcantes²⁹ indicam como o poder discricionário do auditor pode mudar a distribuição das cartas, uma vez que ele seja capaz de administrar o equívoco, "transformar (o insulto) em elogio", desviando o equívoco de seu objeto pelo uso da sonoridade", "saber não compreender aquilo que busca nos atingir", aparentando-se ao poeta³⁰.

Trata-se de "dizer sim ou dizer não", aos objetos aos quais o sujeito se une, à linguagem que ele maneja, até no insulto, "um ponto alto do ato de fala³¹", quando aí se instala uma tentativa de tratamento do excesso de gozo.

Aí onde está o ponto donde não se pode mais ser colocado em função, a bússola é então apoiar-se sobre o sintoma.

*Tradução: José de Anchieta Correia
Revisão: Maria Rita Guimarães*

²⁷ Idem, p. 31.

²⁸ Idem, p. 31.

²⁹ Sartre, H. Grimaud, mas também analisantes, crianças, adolescentes da instituição onde trabalha Ph Lacadée.

³⁰ Idem, p. 234.

³¹ Título de um capítulo do livro.

CIEN-Digital agradece a todos que contribuíram na elaboração deste número.
Envie-nos seu texto para mariarita.guimaraes@gmail.com.

Editor: Maria Rita Guimarães.

Conselho editorial: Cristiane Barreto, Cristiana Pittella de Mattos, Heloísa Prado Rodrigues da Silva Telles, Fernanda Otoni de Barros-Brisset.

Patrocínio: Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais - IPSM-MG.

Co-editor: Cristiana Pittella de Mattos.

Consultor: Célio Garcia.

Comissão de Coordenação e Orientação do CIEN-Brasil:
Fernanda Otoni de Barros-Brisset (Coord. Geral), Siglia Leão,
Ana Martha Wilson Maia.